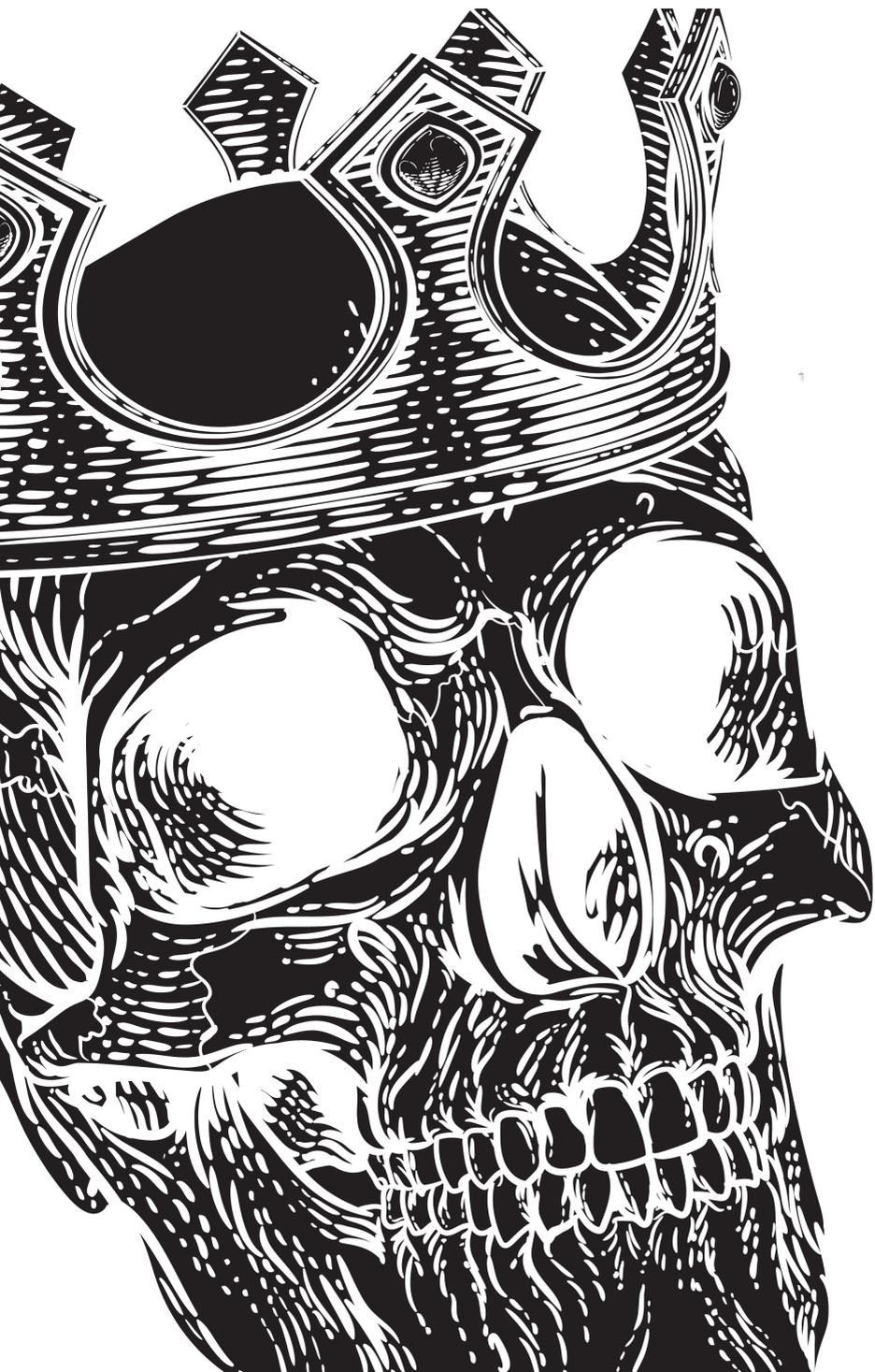


LEIA STONE



O
REI
ELFO

O
REI
ELFO



LEIA STONE

TRADUÇÃO ALDA LIMA

O
REI
ELFO

OS REIS DE AVALIER LIVRO 2



AVALIER





A CARROÇA COBERTA PAROU BRUSCAMENTE E BATI O OMBRO NA PESSOA ao meu lado. Murmurei um pedido de desculpas, então as abas da lona traseira foram abertas.

— Fora! — ladrou o traficante de escravos, fazendo todos se levantarem.

Considerando que nossas mãos estavam amarradas às costas, foi um grande esforço.

Segui a fila dos meus companheiros de cativo e, ao chegar à beira da carroça, pulei e estremei com a dor nos calcanhares. Quando olhei ao redor por um instante, constatei que estávamos nos portões dourados da Cidade dos Elfos, capital de Arquemírea. Eu nunca havia saído de Obscúria e, embora minha situação atual fosse deprimente, queria pelo menos passear antes de ser vendida para levar uma vida de servidão. Meu pai, um elfo de sangue puro, falava com carinho de sua pátria, e agora eu conseguia entender por quê. Árvores altas com flores brancas se enfileiravam nos portões externos do castelo, e colinas e montanhas ondulantes nos cercavam por todos os lados. Era de tirar o fôlego.

— Cabeça baixa — esbravejou o traficante, me acertando na nuca.

Meus pés de repente se embolaram na minha comprida capa, e soltei um grito ao cair. Com as mãos ainda amarradas, não havia muito que eu pudesse fazer a não ser me preparar para a queda. Virando o rosto para o lado, endireitei os ombros e caí no chão com força, esmagando os seios contra uma pedra. A dor se alastrou por toda a frente do meu

corpo, mas felizmente evitei uma fratura no nariz; então, de certa forma, foi uma vitória. Os outros servos pararam e me observaram ficar de lado e olhar para o traficante de escravos. Ele era alto e musculoso, humano, mas ainda assim forte o suficiente para causar algum dano se eu o tirasse do sério.

Gemi e, segundos depois, o traficante se abaixou e me levantou pelas axilas.

— Se não consegue nem andar direito, não vou ganhar dinheiro com você.

Minha vontade era dar um soco no patife, mas, dadas as circunstâncias, era impossível. Eu me contentaria com uma cabeçada, embora isso provavelmente fosse resultar na minha morte. O melhor que eu poderia esperar agora era que meu novo mestre fosse uma pessoa – quer dizer, elfo – decente.

Quando a fila dos demais servos recomeçou a caminhada, fui forçada a segui-los, deixando todos aqueles pensamentos sobre uma gloriosa cabeçada para trás. Dessa vez, resolvi prestar mais atenção aos meus passos.

Fiquei me perguntando o que minha tia estaria fazendo. Quando me levaram, ela estava gritando e chorando, então era provável que estivesse doente de preocupação. Vivi em Obscúria durante todos os meus dezenove anos de vida, e como uma híbrida de elfa e humana, fui abençoada com orelhas curtas, de modo que nem a rainha nem ninguém em Obscúria suspeitava que eu não era humana.

— Qual é a sua dívida? — sussurrou a garota ao meu lado. Com a interrupção de meus pensamentos, balancei a cabeça, sem entender o que ela queria dizer. — Jogatina. Devo duas moedas de ouro ao Bino — confessou, amuada.

Bino administrava as partidas de pôquer na taberna. Agora eu entendi a pergunta; ela queria saber por que eu seria vendida.

Eu nunca deveria ter pedido dinheiro emprestado para o remédio da minha tia sabendo que não conseguiria pagar, mas eu estava desesperada para dar um fim às convulsões que tanto a atormentavam. Eu jamais havia aprendido a usar minhas habilidades élficas de cura,

de modo que estávamos à mercê dos médicos humanos e do que estava à disposição deles. Assim como minha mãe, minha tia era humana, e meu pai, um elfo. Mamãe morreu em trabalho de parto e meu pai foi morto na praça da cidade para servir de exemplo aos invasores. Ele tinha vindo me visitar. Agora minha tia era tudo que eu tinha, a única família que eu conhecia.

— Cinco moedas de ouro. Para o farmacêutico — completei.

Ela pareceu surpresa com a quantidade, sem dúvida se perguntando se eu tinha algum vício em pílulas. Quem me dera fosse isso – faria mais sentido do que a cobrança, por parte da rainha, de ter que vender um rim por medicamentos que salvavam vidas. De vez em quando eu pensava que esse era o jeito que ela tinha inventado para eliminar os doentes. Fazer com que todas as pessoas fracas e pobres, dependentes de medicamentos, morressem e, assim, fortalecessem sua sociedade perfeita. A maioria de nós odiava a rainha Zafira. Seu plano doentio de humanizar todo o reino significava que todas as raças mágicas precisariam ser derrubadas primeiro. Necros, elfos, feéricos, lobos e até mesmo o povo-dragão – todos acabariam sendo varridos de Avalier se a rainha conseguisse o que queria.

— Minha tia está doente. Ela precisa de remédios caros — expliquei.

As convulsões de minha tia começaram quando eu tinha doze anos, no começo como pequenos ataques aqui e ali, mas o último havia sido tão ruim que sua perna não funcionou mais direito. Agora ela tinha que arrastá-la quando andava. Em um mês, ela precisaria de mais remédios para evitar os episódios.

— Chega de cacarejar! — gritou o traficante, e a garota e eu nos separamos, olhando para a frente e contemplando a cidade.

A cidade élfica era linda: esculpida em madeira de amieiro com incrustações em ouro e pedras semipreciosas. Os arcos pontiagudos eram de tirar o fôlego. A luz do sol refletia o ouro incrustado e as pedras faziam tudo brilhar enquanto avançávamos. Mas havíamos atravessado toda a cidade e eu, perdida em pensamentos e na conversa com a garota, mal tinha notado. Agora estávamos em uma porta ao lado do grande castelo branco.

— Entrada de serviço — anunciou um guarda, cuja voz me fez levantar a cabeça.

Não acredite quando disserem que todos os elfos são altos e magros. O homem que guardava a entrada de serviço do castelo era o oposto: baixo e atarracado, com um nariz adunco e olhos azul-gelo voltados para mim. Seu cabelo branco-dourado estava preso em um rabo de cavalo e trançado nas laterais. Notei a espada em sua cintura e me perguntei se ele sabia usá-la.

Não havia como ele fazer parte da guarda real. Os Flechas Reais eram conhecidos por seus ataques silenciosos e mortais, executados da copa das árvores. Aquele homem não parecia nem mesmo capaz de subir em uma árvore.

O traficante apareceu de repente e agarrou meu pescoço, forçando minha cabeça para baixo com tanta força que uma dor explodiu em meu pescoço.

— Vou arrancar esses seus lindos olhos da cabeça se não conseguir manter o rosto abaixado.

Sibilei, cerrando os punhos atrás de mim. Aquele rato maldito estava mesmo começando a me irritar. Sim, eu havia sido vendida como escrava, mas aquilo não me tornava um saco de pancadas. Eu estava prestes a responder quando ele me soltou.

Tropecei para a frente. Meu rosto ficou quente de tanta raiva, mas respirei fundo até me acalmar.

Fomos conduzidos por um corredor tão ornamentado e decorado quanto a parte externa do castelo, e depois até um grande depósito aberto de teto alto e dois andares. Num canto, vi sacos de comida e arroz; em outro, panelas e frigideiras empilhadas. Nos alinhamos junto à parede oposta e, quando olhei para as janelas do segundo andar, notei algumas pessoas de olho em nós.

Nossos novos mestres?

Eu não sabia nada sobre ser uma serva; eu nunca tive uma. Mas sabia cozinhar e limpar, então não poderia ser tão diferente disso.

Não é?

— Vocês serão desamarrados para a governanta verificar se têm alguma doença, depois serão designados para seus novos trabalhos aqui no palácio — gritou o traficante, interrompendo meu raciocínio. — Se tentarem fugir, matarei vocês e sua dívida será transferida para o próximo membro da sua família.

Íamos trabalhar no palácio? Até que parecia legal. Dei uma olhada na pilha de farinha e arroz e torci para não ter sido relegada à cozinha. Eu não me importava em cozinhar, mas lavar a louça era pior que Hades. Comida encharcada me dava nos nervos. Adoraria ser enviada para a biblioteca, ou mesmo trabalhar com os curandeiros. Sendo metade elfa, mas sem nenhum treinamento, eu não tinha habilidades de cura, mas adoraria aprender e ajudar como pudesse.

Eu estava estudando biologia na Universidade de Obscúria, tentando encontrar uma cura para minha tia, mas agora aquilo era passado. Quase dois anos inteiros de aulas, tarefas de casa, horas de estudo, tudo em vão.

Quando as algemas foram abertas, rolei os ombros, gemendo com o doloroso alívio no peito após viajar amarrada daquele jeito por horas a fio. Por uma fração de segundo, tive vontade de correr, de disparar como um coelhinho pela sala, sair dali e adentrar a floresta. Olhei para as portas, onde havia, de cada lado, dois Flechas Reais. Eles eram altos e silenciosos, mal se moviam a cada respiração, e tinham uma flecha já encaixada nos arcos.

Engoli em seco.

Então, uma idosa entrou na sala, com seu cabelo branco preso num coque elegante no alto da cabeça. Ela usava um uniforme de criada feito de algodão azul com um avental branco e segurava uma pequena vara.

— Sou a sra. Tirth, a governanta aqui do Castelo de Arquemírea. Vou verificar se vocês têm piolhos e garantir que não tenham nenhuma deformidade que os impeça de fazer o trabalho que vieram fazer.

Piolhos? *Que nojo*. Olhei para a garota ao meu lado, que coçou a cabeça.

Éramos nove ao todo, uma mistura de elfos, feéricos e humanos — o castelo devia ter nos comprado em massa para diversos trabalhos.

Eu não queria passar dos limites, mas de fato desejava trabalhar com os curandeiros ou com livros, se possível.

Mordendo a língua, esperei que a sra. Tirth usasse sua vara para cutucar e remexer o cabelo de todos, verificar a boca e examinar de perto as mãos e os pés, até chegar minha vez. Quando ela se aproximou, fiz uma profunda reverência.

— Sra. Tirth, seria inapropriado oferecer uma lista de pontos fortes para que a senhora possa nos encaixar melhor em nossos afazeres?

A idosa levantou uma sobrancelha para mim e olhou para o segundo andar, de onde algumas figuras encapuzadas ainda nos observavam.

— Pontos fortes? — perguntou enquanto começava a vasculhar meu cabelo castanho com a vara.

— Sim, senhora. Sei ler e escrever. Sou hábil em cálculo e química orgânica, e tenho paixão por literatura e cura.

Ela congelou a vara, emaranhada em meu cabelo, e olhou para mim. Eu me preparei para o pior, mas a mulher simplesmente caiu na gargalhada. O traficante também gargalhou, assim como os outros escravos, e agora todos estavam rindo de mim.

— Querida, só preciso que você faça pão ou limpe os banheiros — respondeu. Meu estômago se revirou.

Bom, valeu a tentativa.

Senti o traficante atrás de mim se mover.

— Quer que eu verifique se ela tem piolhos púbicos? — Ele bufou, pousou a mão no meu traseiro e o apertou.

Com força.

A sra. Tirth pareceu ofendida com o comentário do traficante, mas eu sabia que ela não faria nada a respeito.

Cada sentimento reprimido e raivoso, que eu estava contendo desde que os banqueiros chegaram e me tiraram da minha tia, veio à tona naquele momento. Uma raiva vingativa tomou conta de mim, e explodi. Virei para trás e encarei o traficante feio. Quando ele me olhou cheio de luxúria nos olhos, bati a palma da mão em seu nariz, do jeito que minha tia havia me ensinado, e fui recompensada com o estalo do osso.

Ele se dobrou para cobrir o rosto e levantei o joelho, golpeando suas partes íntimas o mais forte que pude.

Com um gemido que percorreu a sala, o sujeito caiu para o lado, com o rosto vermelho.

— Ó, céus — disse a sra. Tirth atrás de mim.

Eu me virei para a governanta.

— Ele apertou o meu traseiro sem permissão. Isso é incentivado aqui? — perguntei, esperando escapar de qualquer punição que estivesse prestes a sofrer por retaliar o gesto do traficante.

A mulher corou e notei um movimento na janela acima. Uma das figuras encapuzadas estava saindo da sala. Eu sabia que tinha ido longe demais, mas o que o traficante fez não estava certo e eu esperava que a sra. Tirth concordasse. De mulher para mulher.

Ela engoliu em seco.

— Não — respondeu finalmente.

De repente, os dois Flechas Reais estavam atrás de mim, me puxando por baixo dos braços e me arrastando até as portas.

Droga! De onde eles vieram?

Por mais que eu tentasse me soltar, não adiantou. Eles me levantaram do chão, beliscaram alguma parte da minha axila, que arrancou de mim um gemido baixo, e me carregaram como se eu fosse feita de papel.

Meu coração batia forte no peito. Me virei para um deles.

— Ele me tocou, você deve ter visto. Eu não o matei nem nada — supliquei.

As portas duplas se abriram e de repente eu estava sendo conduzida pelo corredor ricamente decorado rumo a outra sala, menor, onde havia um homem sentado atrás de uma mesa, usando um manto cinza com capuz para ocultar sua identidade.

— Tudo bem, é claro que sou nova por aqui, mas agora que conheço as regras quem sabe a gente não possa deixar essa passar? — barganhei. Eu não queria ir para a força por ter dado uma joelhada no saco do traficante, mas não pude ignorar a atitude dele. Os Flechas Reais me largaram diante da mesa e saíram da sala.

Fiquei ali, congelada, olhando para a pessoa por baixo do manto.

— Eu...

— Você fala demais. Teremos que dar um jeito nisso. — Sua voz era rouca, impactante, e eu logo soube que estava na presença de alguém no comando.

— Sim... senhor. Posso fazer isso. Supondo que me deixará viver...

— Eu sabia muito bem o que estava acontecendo ali.

O homem ergueu os dedos longos e finos e puxou a capa para trás, revelando o maxilar forte e o belo rosto de ninguém menos que o próprio rei dos elfos.

— Raife Luminare — sussurrei, fazendo uma profunda reverência.

Seus olhos azuis percorreram meu corpo como se avaliassem meu gesto, o que só me deixou ainda mais vermelha do que já estava.

— Sua reverência indica que você vem de família nobre — observou.

Nós não tínhamos exatamente nobres em Obscúria. Empregávamos os termos “instruídos” e “não instruídos”, e noventa por cento das pessoas eram instruídas – porque a rainha ordenava que assim o fosse e era gratuito. Eu era considerada pobre, mas altamente instruída; portanto, para todos os efeitos, uma nobre para ele.

— Sim, milorde — respondi, tentando manter as respostas curtas, já que ele havia dito que eu falava demais.

Quando ele se levantou, congelei, surpresa ao ver como ele era esguio e pelo menos uma cabeça e meia mais alto que eu, o que não era pouca coisa, visto que eu era alta para uma mulher. Ele saiu de trás da mesa e me encarou.

— Como se chama?

— Kailani Dulane, senhor.

— Está ciente do dom que todos os reis de Avalier compartilham?

— perguntou ele, e logo entendi aonde ele queria chegar.

Meu santo Criador.

Engoli em seco. O rei Valdren, do povo-dragão, o rei Lucien Almabrava, dos feéricos, o rei Axil Lunaferis, dos lobos, e o rei Raife Luminare, dos elfos, todos tinham o dom de farejar mentiras.

— Vocês podem farejar mentiras.

Ele pareceu surpreso.

— Você é *mesmo* instruída.

A biblioteca de Obscúria tinha livros sobre todas as raças mágicas. Tudo para ajudar no plano da rainha de erradicá-las. Quanto mais soubéssemos sobre elas, mais poderíamos prejudicá-las e, por fim, eliminá-las.

— Vou fazer uma série de perguntas e, com base nas respostas, determinar seu destino — declarou então, andando lentamente em um círculo ao meu redor.

Uma tontura tomou conta de mim, mas balancei a cabeça.

Ele inalou pelo nariz.

— Metade elfa? — perguntou, parecendo satisfeito.

— Sim, senhor. Por parte de pai — completei, tentando ser o mais breve possível.

— O nome dele?

Engoli em seco.

— Rufus Dulane. Ele morava na vila de pescadores de Refúgio do Rei.

Ele pareceu satisfeito com a resposta.

— Por que você foi vendida como escrava?

Suspirei.

— Fiz um empréstimo que não pude pagar.

— É óbvio. — Ele pareceu irritado com a resposta superficial. — Por qual motivo?

Não gostei da intromissão, mas sabia que deveria responder com sinceridade. Minha vida estava nas mãos dele.

— Para comprar remédios indispensáveis para a minha tia.

Ele franziu a testa, parecendo confuso. Isso o deixou perplexo. O povo de Arquemírea não precisava de remédios. Se ficassem doentes, eram curados. De graça. Era tão fácil quanto respirar para eles.

— Você sabia que não conseguiria pagar o empréstimo quando o contraiu?

Rosnei um pouco, então meus olhos se voltaram para os dele e sustentaram o olhar.

— Sim — respondi, contrariada. — Para salvar a minha tia.

Ele pareceu pesar a resposta.

— O que acha da raça élfica?

Franzi o cenho.

— É uma pergunta bastante abrangente. Eu...

— Preciso saber se estou contratando alguém que odeia a mim e ao meu povo — esclareceu. — Você cresceu em Obscúria, sob o domínio da rainha.

Então ele estava pensando em me contratar? Não em me matar? Era promissor. Talvez isso tudo não terminasse na força.

Confirmei com a cabeça.

— Acho que os elfos têm sorte. Não têm doenças e podem se curar com facilidade. Tenho inveja da capacidade de cura e não desejo nenhum mal a eles.

Ele franziu a testa.

— Inveja de uma habilidade que você possui?

Senti o rosto ficar vermelho.

— Eu nunca floresci. Meu pai morreu antes que pudesse me treinar e... a minha magia nunca veio.

Florescer. Era assim que os elfos chamavam quando sua magia vinha à tona, em geral por volta dos cinco anos, quando se iniciava o treinamento.

Ele deu um passo e parou na minha frente, endireitando os ombros e me olhando bem nos olhos.

— Muito bem... e o que acha da rainha de Obscúria?

Enrijeci, prendendo a respiração. Não era segredo que a rainha havia assassinado toda a família do rei-elfo quando ele tinha quatorze anos. Sete irmãos; só ele sobreviveu. Ele a odiava, disso eu sabia, assim como eu, mas verbalizar isso era traição.

Olhei para trás, verificando se a porta estava fechada. Falar contra a rainha era um ato retribuído com uma resposta rápida, e eu nunca tinha feito aquilo, nem mesmo para minha tia. Reclamávamos da falta

de acomodação ou de tratamento. Falávamos mal de alguns feitos do exército, mas nunca dela. Ele estreitou os olhos.

— O que acha da rainha de Obscúria? — insistiu.

Respirei fundo.

— Eu a odeio. Queria que ela simplesmente morresse para podermos viver em paz — respondi depressa, logo cobrindo a boca com as mãos.

Um sorriso meio torto se espalhou pelo seu rosto por um instante, mas logo se desfez.

— Muito bem. Gostaria de contratar você como a minha nova assistente pessoal. A última se casou e foi embora — declarou, voltando para trás da escrivaninha para escrever num pedaço de pergaminho.

Relaxe de alívio. Assistente pessoal do rei? Parecia importante. Bem diferente de limpar banheiros ou fazer pão.

— Eu... eu ficaria honrada.

— Preciso de uma pessoa bem instruída — afirmou, ainda olhando para o pergaminho. — Rápida em fazer anotações, capaz de ler livros, aprender sobre coisas novas e me informar.

Eu estava quase dando pulinhos de alegria.

— Eu amo ler. Leio um livro por dia, sobre todos os assuntos, e até de ficção para me divertir.

Ele ergueu os olhos e empurrou o pedaço de pergaminho em que estava escrevendo sobre a mesa, entregando-me uma pena e a tinta.

— Faça isso rápido.

Eu não tinha ideia do que “isso” significava. Algum tipo de teste? Eu me saía bem sob pressão, de modo que me sentei na cadeira do outro lado da escrivaninha e aceitei a pena, a tinta e o pedaço de pergaminho.

Era um teste. E em três línguas diferentes!

Graças ao Criador, eu falava todas.

— Faz anos que não vejo élfico antigo escrito — admiti. Mergulhei a pena na tinta, grata por ter tanta curiosidade pelas línguas do reino e por ter estudado todas elas.

A primeira pergunta estava escrita em élfico antigo e era simples: um problema sobre o naufrágio de um navio de pesca no território de

Lunacrescentis. A pergunta era se o rei-elfo tinha o direito de recuperar o navio ou se precisaria da permissão do rei Lunaferis antes de fazer isso. Parecia mais uma pergunta para garantir se de fato eu compreendia o idioma.

Depois que respondi, segui para a próxima questão, escrita em novo élfico. Mais uma pergunta simples, que respondi. A última era um problema aritmético detalhado e escrito em avaleriano, língua compartilhada por todos os povos de Avalier.

Terminei com facilidade e devolvi o pergaminho.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Isso foi rápido.

Dei de ombros.

Ele olhou para o pergaminho, pegou a pena e fez algumas anotações ao lado do problema de aritmética, como que verificando meu desempenho.

— Bom trabalho.

Sorri.

Ele cruzou as mãos diante da mesa.

— Meu conselho está insistindo para que eu me case e o processo de seleção começa em breve. Vou precisar que você faça anotações detalhadas sobre cada candidata com quem eu me encontrar e me ajude a decidir qual escolher.

Meus olhos quase saltaram das órbitas.

— O senhor... quer que eu o ajude a escolher uma esposa?

Ele balançou a cabeça com indiferença.

— É a única maneira de tirar o conselho do meu pé.

Nossa, que mulher de sorte. Ele parecia *mesmo* a fim de se casar.

— Sim, claro, posso fazer isso. — Se fosse para garantir que minha cabeça continuasse presa ao pescoço, eu faria qualquer coisa. — Quais são meus outros deveres? Eu gostaria de anotá-los — expliquei.

Parecendo impressionado com isso, o rei me entregou um pergaminho em branco e uma pena. Anotei o que ele já havia mencionado:

Encontrar uma esposa.

— Você vai me acompanhar nas reuniões e me lembrar dos nomes e cargos das pessoas. Gosto de saber os aniversários dos meus funcionários, mas não posso me dar o trabalho de lembrá-los.

— Claro.

Ele se recostou na cadeira.

— Ah, meu antigo provador morreu, então vou precisar que o substitua até que eu contrate um novo.

Congelei. O provador da realeza tinha um dos trabalhos mais perigosos do reino. Eles viviam sendo envenenados.

— O senhor... não conseguiu curá-lo?

Ele franziu a testa.

— Não a tempo. É um engano comum pensar que os elfos podem curar qualquer coisa, além de nunca adoecerem.

— E quanto a um dos outros escravos que acabou de adquirir? — Ele tinha oito.

O rei balançou a cabeça.

— Não confio em nenhum deles.

Isso significava que ele confiava em mim? E se confiava, por quê?

Tudo bem, era apenas até ele encontrar um provador permanente.

Encontrar uma esposa.

Lembrá-lo de nomes, aniversários.

Participar das reuniões.

Substituir o provador.

— Mais alguma coisa, milorde?

— Se devo confiar em você e se irá trabalhar comigo, precisarei que faça um Juramento Real de Paz.

Ergui as sobrancelhas. Eu não sabia o que era isso, mas sabia que os elfos e os feéricos levavam juramentos a sério.

— Tudo bem — respondi, sem jeito. Dez minutos antes, eu tinha dado uma joelhada no saco do meu captor. Agora, estava em uma entrevista de emprego com o rei dos elfos.

Que dia.

Ele pigarreou.

— Mais uma coisa...

Eu me preparei. Ele parecia pouco à vontade.

— Você é solteira?

Ah, essa era fácil.

— Sim. Nunca me casei. Nunca conheci um homem que eu tolerasse por tempo suficiente para me casar.

Aquele sorriso meio torto e malicioso estava de volta.

— Filhos?

— Não.

O rei pareceu aliviado.

— Esse é um cargo que exige tempo integral. Receio que uma família possa impedir sua aptidão em me servir de maneira adequada.

Confirmei com a cabeça.

— Estou totalmente disponível para servir, senhor.

Eu era uma serva graças a uma dívida de cinco moedas de ouro – não era como se minha família pudesse se mudar e vir morar comigo, de qualquer forma.

Pigarreei.

— Como funciona o salário?

Ele abaixou a cabeça, parecendo mais à vontade, como se falar de dinheiro não o incomodasse.

— Pagarei sua dívida hoje com o traficante. Depois você ganhará uma moeda de ouro por ano.

Cinco anos. Levaria cinco anos para conseguir três meses de medicação para a minha tia. A raiva me dominou. Não dele, mas do farmacêutico que cobrava tanto por um remédio que salvava vidas.

— De quanto é a sua dívida?

Suspirei.

— Cinco moedas de ouro.

Ele não pareceu chocado. Talvez as pessoas chegassem ali com dívidas mais altas e trabalhassem a vida inteira para ele, mas eu queria ter

minha própria vida. Estava grata pelo cargo, mas trabalhar cinco anos ali provando comida envenenada e o ajudando a selecionar uma esposa não era exatamente minha paixão. Eu teria vinte e quatro anos quando partisse. Quem sabe velha demais para tentar ser médica?

— Está decepcionada com a designação de cinco anos? — Seus olhos se estreitaram; havia uma desconfiança ali. Eu não conseguia entender o porquê. Não é como se eu pudesse mentir para o homem.

— Um pouco surpresa com a demora para pagar a minha dívida — admiti. — Eu esperava me tornar uma médica... Abandonei a universidade para vir para cá e mal posso esperar para voltar aos estudos. — Esfreguei a nuca e estremei, esquecendo a dor que o traficante havia causado antes.

Uma compreensão surgiu em seus olhos, seguida por um pouco de pena.

— Nós não estudamos medicina aqui como em Obscúria, mas você pode me acompanhar nas minhas rondas de cura e fazer algumas perguntas, desde que não sejam intrusivas demais e não me distraiam.

Uma esperança desabrochou dentro de mim.

— Isso seria maravilhoso, milorde.

Todos os elfos tinham algum tipo de habilidade de cura, não importava quão pequena fosse, mas era algo que precisava ser ensinado e praticado para florescer. Como eu nunca havia florescido, minha magia estava quase morta, mas trabalhar em uma enfermaria, não importava em qual função, seria incrível.

— Mais uma coisa. — Ele se levantou, deu a volta na mesa e estendeu a mão, passando-a na minha nuca. Depois de um arrepio percorrer minha espinha, a dor que o traficante havia causado desapareceu. Raife estremeceu por um segundo e se sentou de novo, pegando a pena e rabiscando alguma coisa.

Ele tinha acabado de me curar? Com um único toque?

— Hã, obrigada.

— Pode se retirar para seus aposentos — ordenou, sem tirar os olhos do pergaminho. — Para se acomodar. Você será convocada logo

pela manhã. Entregue isto à sra. Tirth. — Ele me entregou a carta que havia escrito.

Percebendo que tinha acabado de ser dispensada, me levantei e levei o pergaminho comigo.

Assistente pessoal do rei?

Nada mal.

A sra. Tirth estava me esperando do lado de fora do escritório do rei. Quando lhe entreguei a carta, ela franziu a testa.

— Esta não é a caligrafia do rei — declarou.

Quando olhei por cima do ombro dela, corei. Eu havia entregado a lista de deveres do meu novo cargo. Tirando-a de suas mãos, entreguei-lhe a carta do rei.

Ela a examinou depressa e então uma expressão de surpresa atravessou seu rosto.

— Nova assistente pessoal.

— Pois é. Achei que a minha cena com o traficante me levaria à força.

A sra. Tirth balançou a cabeça.

— Deve ter sido isso que rendeu o emprego a você.

Dessa vez fui eu quem pareceu surpresa.

— Como assim?

Ela olhou para o escritório e baixou a voz, sussurrando.

— O rei odeia os traficantes. E gosta de mulheres fortes. Ele não precisará temer que você seja morta facilmente.

Que estranho dizer isso. Eu apenas balancei a cabeça.

— Tem algum pertence? — perguntou ela.

Balancei a cabeça.

— Os credores não me deixaram pegar nada.

— Não importa, o trabalho inclui uma ajuda de custo para roupas, além de refeições e moradia gratuitas. — Isso era um alívio. — Como assistente pessoal de um membro da mais alta realeza, é esperado que você se vista de acordo. Você agora é um reflexo da monarquia. Nada de algodão; apenas seda e chiffon. De preferência com barras de renda.

Você trabalhará com a costureira do palácio — decretou a sra. Tirth enquanto atravessávamos os corredores.

Eu adorava vestidos chiques; ninguém teria que me obrigar a usar seda e renda.

— Vamos falar de comportamento — acrescentou. — Como integrante da equipe do rei, não poderá beber durante o trabalho, nem xingar ou se comportar de outras maneiras impróprias para uma dama.

Confirmei com a cabeça.

— Claro.

Havia algum precedente ali, uma razão pela qual era preciso dar aquele aviso, e fiquei tentada a perguntar.

Após atravessarmos mais um longo corredor, finalmente paramos em um conjunto de portas duplas laqueadas de preto.

— Depois que fizer o Juramento Real de Paz, poderá se acomodar nos aposentos. — A sra. Tirth sorriu docemente.

Ah. Verdade. Eu tinha esquecido que havia concordado com aquilo.

— Muito bem.

Estendendo a mão, a sra. Tirth bateu à porta com seu punho enrugado e ela se abriu.

Engoli em seco quando vi o rei atrás da porta.

Como foi que...? Dei uma olhada para trás, me perguntando como ele podia ter saído do escritório e chegado ali antes de nós. Abri e fechei a boca, depois a abri outra vez.

Ele deu uma piscadela.

— Túneis secretos.

A piscadela produziu alguma coisa dentro de mim, mas ignorei. Túneis secretos. Sim, fazia sentido.

O rei se afastou da abertura e andou pelo cômodo, permitindo que eu visse o espaço pela primeira vez.

Caramba. Eu não esperava ver camas de luz cristalina! Meu pai falava delas nos diários que deixou para mim. Foi minha única maneira de aprender sobre sua vida em Arquemírea e como devia ser crescer ali. As camas de luz cristalina eram curativas e regenerativas. De alguma

forma, entretanto, pensei que naquele dia elas poderiam ter um propósito diferente.

O rei foi até uma cama preta, esculpida em pedra transparente de tom fumê, e se deitou nela. Havia seis camas de cristal: rosa, roxa e preta; duas de cada, grandes o suficiente para um homem adulto. O quarto parecia tranquilo e regenerativo, com piso de pedra branca e papel de parede roxo-claro salpicado de dourado.

— Vá se deitar na outra cama de cristal preto — orientou a sra. Tirth, gesticulando.

Ao me aproximar da cama, meu coração batia descontroladamente no peito.

O que exatamente esse juramento implica?

Eu havia pensado que seria como uma promessa, mas agora temia que houvesse alguma magia envolvida. No entanto, eu queria muito aquele trabalho e não pretendia ferir o rei, então teria que simplesmente lidar com isso.

Deitei-me na cama, surpresa porque, apesar da superfície dura, não era desconfortável. Ela se moldou ao meu corpo.

Assim que me deitei por completo, o cristal brilhou em um tom intenso de roxo-escuro.

— Hã...

— Perfeitamente normal — disse a sra. Tirth, pairando sobre mim. — Está apenas sincronizando a sua energia com a do rei antes do juramento.

Sincronizando nossa energia?

Está bem, apenas respire, pedi a mim mesma, tentando me acalmar. Eles são elfos curandeiros, não é como se isso pudesse me matar. Não é?

A sra. Tirth olhou para o rei, que devia parecer satisfeito, porque então voltou a olhar para mim.

— Diga seu nome completo — instruiu ela com seriedade.

Deixei escapar um suspiro trêmulo.

— Kailani Rose Dulane.

A sra. Tirth me olhava com uma determinação inabalável.

— Você, Kailani Rose Dulane, jura nunca ferir Raife Luminare, Rei dos Elfos?

— Juro — respondi, aliviada por ser uma promessa verbal.

A sra. Tirth então se ajoelhou para ficar bem ao meu lado, a luz roxa lançava sombras assustadoras em seu rosto.

— Jura nunca *ajudar* em alguma trama para prejudicá-lo ou para prejudicar seu reinado? Nunca tentar fazer mal a um só fio de cabelo do rei, para que você não sofra o mesmo destino?

As perguntas ficaram mais sinistras dessa vez, e a energia roxo-escura que estava brilhando ao redor do meu corpo agora começava a me comprimir.

Sofrer o mesmo destino? Quer dizer que se eu fizesse mal a ele, também faria mal a mim mesma? Era mais do que um juramento, era magia. Mas como havia dito antes, eu não tinha intenção de ferir o rei, e eu era de Obscúria, sua inimiga declarada, então sabia que se não jurasse, ele não confiaria em mim.

— Juro.

A pressão se desfez, a luz diminuiu, e a sra. Tirth se levantou, afastando-se, como se todas as suspeitas sobre meu caráter tivessem sido perdoadas.

Com isso, me sentei e olhei para o rei, que agora estava de pé, e me perguntei no que diabos eu havia me metido.

Leia também:



FARO
EDITORIAL

COVEN

UM ROMANCE SOMBRIO E
ENVOLVENTE

Harper L. Woods

PARO EDITORIAL

MARCADA

DAS CINZAS DE UM AMOR
OBSSESSIVO, ELA TERÁ DE SE
ERGUER PARA RECONSTRUIR
O MUNDO.

Harper L. Woods

DA AUTORA DE *COVEN*

KENNEDY RYAN

**ANTES
DE ME
LIBERTAR
DE VOCÊ**

 **FARO
EDITORIAL**

“Temos Tolkien, Pullman, e agora
Katherine Rundell. Com uma
inventividade e escrita maravilhosas.”

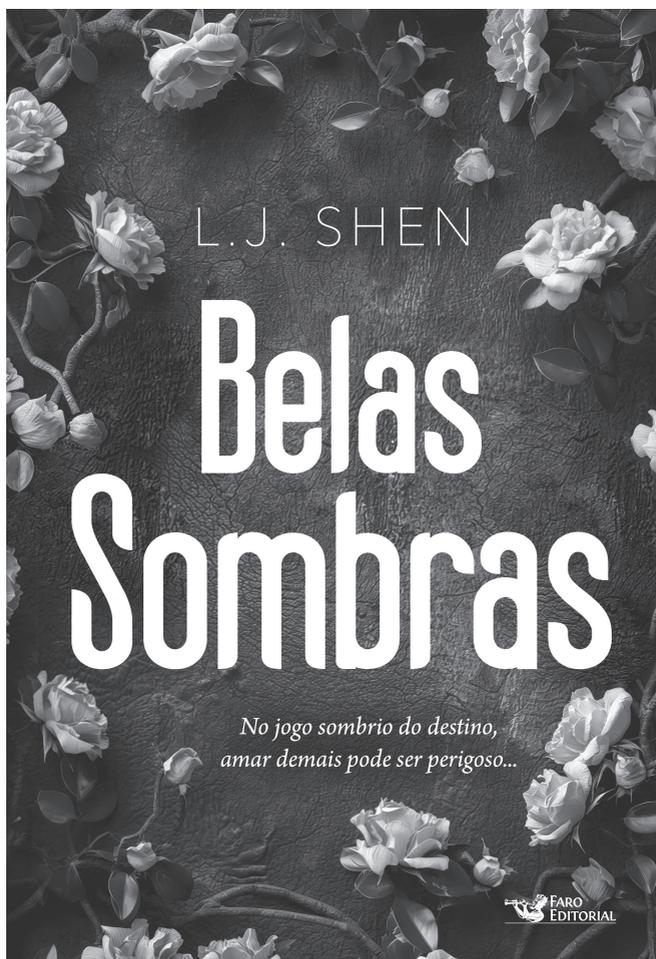
– MICHAEL MORPURGO,
autor de *Cavalo de guerra*

CRIATURAS IMPOSSÍVEIS

Ganhador
de sete prêmios
de melhor
livro juvenil
do ano!

KATHERINE
RUNDELL

PARO
EDITORIAL



L.J. SHEN

Belas Sombras

*No jogo sombrio do destino,
amar demais pode ser perigoso...*

FARO
EDITORIAL

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

CAMPANHA



FiqueSabendo

Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



**ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM SETEMBRO DE 2024**